

O PRESIDENTE SCHREBER COMO APOIO (ANLEHNUNG) DO ANTI-ÉDIPO¹

PRESIDENT SCHREBER AS SUPPORT (ANLEHNUNG) OF ANTI-OEDIPUS

*EL PRESIDENTE SCHREBER COMO APOYO (ANLEHNUNG)
DEL ANTI EDIPO*

André Peixoto de Souza²

ÁREA DO DIREITO: teoria do direito; filosofia do direito.

Resumo

O *anti-Édipo*, de Giles Deleuze e Félix Guattari, apresenta uma série de conceitos e categorias que são dados como pressupostos de leitura. São conceitos conhecidos do público da psicanálise, da economia política e da filosofia, mas de pouco saber para quem se aventura pela primeira vez nessa literatura. Pretendi oferecer uma espécie de chave de leitura, ao menos numa das tantas categorias, que é essa do “Presidente Schreber”, célebre estudo de caso tanto em Freud quanto em Lacan, a partir das memórias do paciente psicótico. Esse jurista alemão do século XIX (falecido em 1911) inaugurou uma nova clínica psicanalítica a partir de seu delírio, de sua erotomania e de sua cura pela fala (escrita), que era simplesmente o estabelecimento de alguma organização impossível do discurso. A cura, afinal, foi reconhecida pelo Tribunal que presidiu – o mesmo que o fez delirar e se inscrever na história da psiquiatria, da psicanálise e do direito.

Palavras-chave: Psicose, delírio, Édipo.

Abstract

Anti-Oedipus, by Giles Deleuze and Félix Guattari, presents a series of concepts and categories that are given as assumptions for reading. These are concepts known to the public of psychoanalysis, political economy and philosophy, but of little knowledge for those who venture into this literature for the first time. I intended to offer a kind of reading key, at least in one of the many categories, which is that of “President Schreber”, a famous case study both in Freud and in Lacan,

¹ Recebido em 02 de dezembro de 2022. Aceito para publicação em 12 de dezembro de 2022.

² Doutor em Direito pela UFPR e Doutor em Educação pela UNICAMP. Professor-pesquisador do PPGD-UNINTER e Professor da FD-UFPR.

based on the memories of the psychotic patient. This nineteenth-century German jurist (died in 1911) inaugurated a new psychoanalytic clinic based on his delirium, his erotomania and his cure through speech (writing), which was simply the establishment of some impossible organization of discourse. The cure, after all, was recognized by the Court he presided over – the same one that made him delirious and inscribed in the history of psychiatry, psychoanalysis and law.

Keywords: Psychosis, delirium, Oedipus.

Resumen

El Anti-Edipo de Giles Deleuze y Félix Guattari presenta una serie de conceptos y categorías que se dan como presupuestos de lectura. Se trata de conceptos familiares para el público del psicoanálisis, la economía política y la filosofía, pero de poco conocimiento para quienes se aventuran en esta literatura por primera vez. Pretendía ofrecer una especie de clave de lectura, al menos en una de las muchas categorías, que es la del "Presidente Schreber", un famoso caso de estudio tanto en Freud como en Lacan, basado en los recuerdos del paciente psicótico. Este jurista alemán del siglo XIX (fallecido en 1911) inauguró una nueva clínica psicoanalítica a partir de su delirio, de su erotomanía y de su cura por la palabra (la escritura), que no era más que el establecimiento de una organización imposible del discurso. La cura, al fin y al cabo, fue reconocida por el Tribunal que presidía, el mismo que le hizo delirar y le inscribió en la historia de la psiquiatría, del psicoanálisis y del derecho.

Palabras-clave: Psicosis, delirio, Edipo

SUMÁRIO: 1; 2; 3; 4; 5; Referências Bibliográficas.

SUMMARY: 1; 2; 3; 4; 5; Bibliographical References.

SUMARIO: 1; 2; 3; 4; 5; Referencias bibliográficas.

1.

“O Presidente Schreber tem os raios do céu no cu.” Assim, sem aviso prévio, sem maiores explicações, e logo na primeira página do livro!

Mas, o que é isso? O que significa? Quem é esse Presidente Schreber?

O anti-Édipo é um texto realmente difícil, especialmente por causa de seus pressupostos. Para a devida compreensão da tese de Deleuze-Guattari, requer-se o entendimento de boa parte da teoria psicanalítica notadamente freudiana (e

alguma coisa lacaniana), como a construção do chamado complexo de Édipo, a densa teoria pulsional, o esquema do desejo, a trilogia do aparelho psíquico e, como não dizer?, “o caso Schreber” – dentre os casos clínicos reais e fictícios analisados por Freud. Ademais, algo de economia política deve ser sabido quando os autores articulam criticamente o esquema desejante com o sistema capitalista.

Um livro de filosofia, mas de psicanálise, de antropologia, de economia, de literatura. Um livro completo, a meu ver. Porém, um livro que abre possibilidades tamanhas ou camadas de compreensão. São tantos os pressupostos!

Para a nossa coletânea em homenagem aos 50 anos dessa obra (originalmente publicada em 1972) escolhi o tema que lhe atravessa o tempo todo, que aparece na primeira página (e em outras dezenas de páginas), cuja escatologia choca leitores desavisados, que retorna e se converte em trilha sonora, em pano de fundo, em *gancho* ou *mote* para os autores pensarem a esquizofrenia: provável diagnóstico desse jurista nomeado à Presidência do Tribunal de Apelação da Saxônia, em Dresden, em 1893, e cuja autobiografia serviu de base para Freud pensar a categoria *paranoia*, inclusa nas *psicoses*.

2.

Vamos às memórias do Presidente Schreber. Trata-se do livro publicado em 1903 sob o título *Memórias de um doente dos nervos*, do próprio Daniel Paul Schreber, então com 61 anos de idade e egresso do sanatório Sonnenstein, próximo a Dresden.

Hoje o livro editado se apresenta em duas partes: a autobiografia, e parte (trechos) do processo judicial que ele próprio aforou contra seu processo demissional na magistratura alemã.

Desde o princípio nosso paciente-autor destacava a importância e valia da obra (das suas próprias *Memórias*) tanto para a ciência quanto para a religião. Admitia expressamente que seu primordial objetivo era revelar a verdade no campo religioso, ao qual considerava de maior importância. É que Schreber julgava haver chegado mais perto da “verdade” dentre tudo o que se pensara e escrevera a respeito, ao longo da história. Aduzia que o conhecimento e divulgação de suas ideias provocariam em tudo quanto se conheça sobre religião, na

história da humanidade, uma intangível “reviravolta” – admitindo todos os “abalos” dali decorrentes, nos sistemas religiosos conhecidos e praticados.

Médicos consideraram meras alucinações o que Schreber considerava uma verdadeira e íntima relação com forças sobrenaturais, capaz de lhe revelar conhecimentos (“revelações divinas”) que chegariam à verdade até então jamais alcançada.

O início de seu processo delirante enunciava os *nervos* em sua relação com a *divindade* enquanto fator preponderante. “A alma humana está contida nos nervos do corpo; (...) os nervos são levados a vibrações, (...) produzem o sentimento de prazer e desprazer”. Para ele, Deus é apenas nervo, ou *raios*. “E nisso consiste a essência da criação divina”. “(...) há anos o Sol fala comigo em palavras humanas, fazendo-se conhecer desse modo como um ser animado ou como órgão de um ser ainda superior por detrás dele” (SCHREBER, 2021, pp. 41-43).

Sua primeira internação sobreveio entre 1884 e 1885, no diagnóstico “doença dos nervos” e “excessiva fadiga intelectual”. Esteve, pois, na clínica psiquiátrica da Universidade de Leipzig, sob coordenação do Professor Doutor Flechsig, com quem teria se curado. Disso decorreu profunda gratidão ao médico, da qual resultou a senhora Schreber conservar em casa o seu retrato (“lhe devolveu seu marido”).

Um dos mais relevantes dados dessa primeira fase, logo após a alta médica da clínica do Doutor Flechsig, tem conexão direta com alguns sonhos de que a antiga doença tinha voltado, e mais especialmente um sonho que “*deveria ser realmente bom ser uma mulher se submetendo ao coito*”. Essa frase, esse sonho representará o núcleo central de sua psicose e de toda a avaliação posterior, tanto em Freud quanto em Lacan. Disse nosso paciente-autor: “A sensação de bem-estar físico se deve à volúpia de alma, que em certos momentos atinge uma grande intensidade; não raro, ela é tão intensa que, quando estou na cama, me basta um mínimo esforço de imaginação para me propiciar um bem-estar dos sentidos, que constitui uma intuição bastante nítida do prazer sexual feminino no coito” (*Idem*, p. 231).

Não obstante esse episódio, durante os próximos oito anos o Doutor Schreber ficou bem. Foi nomeado Presidente da Corte de Apelação da Saxônia, em Dresden, tendo assumido em 1º de outubro de 1893. Sob enorme carga de

trabalho, ficou intelectualmente estafado em algumas semanas. Noites insones; ouvia estalos na parede do quarto; tentou suicídio; grave transtorno nervoso. Daí, decorre sua segunda internação, entre 1893 e 1894, inicialmente na mesma clínica do Doutor Flechsig, em Leipzig.

Insone, triste, portador de pensamentos de morte, de delírio febril, de enorme agitação, de excitação nervosa, angústia, colapso mental... tenta novo suicídio. Relata poluções noturnas (“cerca de meia dúzia”) e relação com forças sobrenaturais.

Aqui aparece outro dentre os principais episódios da sua psicose: a *língua dos nervos*, “repetidas em silêncio” (como uma oração silenciosa). “Além dos nervos do prof. Flechsig, raios divinos também se puseram em contato imediato com meus nervos” (*Idem*, p. 71). A língua dos nervos derivava da vibração dos nervos, constituindo “a verdadeira língua dos homens”. Vozes que correspondiam a milhares de almas. No início, davam respostas; depois, apenas repetiam frases.

Terceira etapa relevante para a experiência do Presidente Schreber, por ele dito haver experimentado duas vezes, é a *emasculação*: “(...) os órgãos sexuais externos (escroto e membro viril) eram retraídos para dentro do corpo e transformados nos órgãos sexuais femininos correspondentes, transformando-se simultaneamente também os órgãos sexuais internos” (*Idem*, p. 75).

E prossegue: “O mais abominável de todos me parecia ser a representação de que meu corpo, depois da tencionada transformação em uma criatura do sexo feminino, deveria sofrer algum tipo de abuso sexual, tanto que numa ocasião até se falou que eu deveria ser entregue, para esse fim, aos guardas do sanatório” (*Idem*, p. 107).

Em novembro de 1895 nota sinais de feminização (“verdadeira retração do membro genital viril”). Vê-se ser transformado em mulher, com objetivo claro: ser fecundado “por raios divinos com a finalidade de criar novos homens” (*Idem*, p. 164-5).

Uma necessidade: a supressão do bigode (“imaginar-me como um ser feminino, e essa ilusão teria no bigode um obstáculo difícil de superar”, *Idem*, p. 179).

O desenvolvimento de seios (“... meu peito dá a impressão de ter seios bastante desenvolvidos; esse fenômeno pode *ser visto com os próprios olhos*

por qualquer um que queira me observar. (...) de dez a quinze minutos. (...) sobretudo se a ilusão for corroborada por algum acessório feminino –, terá a impressão indubitável de um *torso feminino*”, *Idem*, p. 239).

Embora fosse discreto, sem demonstrar situações de luxúria, admitia: “... assim que eu (...) estou a sós com Deus, para mim é uma necessidade fazer, por todos os meios imagináveis (...), com que os raios divinos tenham (...) a impressão de uma mulher que se regala de gozo voluptuoso” (*Idem*, p. 240).

Ou seja, esse processo que vai da emasculação e da transformação do corpo (para o feminino) à imaginação de coito prazeroso com Deus, coloca Schreber na extremidade – na borda! – de sua produção delirante.

Mas prossegue, ainda nessa primeira clínica. O nível transferencial com o Professor Flechsig se inverte, do que sobrevém “uma conspiração”: Flechsig elevou-se ao céu e se tornou o chefe dos raios. Schreber seria, então, na sua ótica, transformado em mulher para ser abusado sexualmente por Flechsig (isso porque segundo nosso jurista as famílias Flechsig e Schreber, no passado, travaram relações que culminaram com o apoderamento da alma destes por aqueles, retendo-lhes os raios divinos para alguma vantagem – tempo de vida, p. ex. – a que ele denominou o *assassinato da alma*). Depois, seria “deixado largado”, “abandonado à putrefação”. Nessa armadilha, nervos femininos penetravam cada vez mais em seu corpo; novas ideias de suicídio, por afogamento e veneno.

Schreber achava que não existia mais humanidade. Ele era o único (juntamente com Flechsig e alguns enfermeiros e pacientes da clínica). Segundo nosso paciente-autor, a Terra duraria apenas mais 212 anos (e numa nota, a 36, apresenta várias referências bibliográficas sobre antropologia, religião, história e astronomia. Considerou estar num outro planeta ou dimensão – Fobos, Marte. Também há a informação expressa de haver lido o célebre *Tratado de psiquiatria*, de Kraepelin. Na nota 42, anotou: “vozes ouvidas (...) não raro são acompanhadas de ilusões óticas”, *Idem*, p. 93).

Daqui advêm os *homúnculos*: figuras minúsculas de pessoas, com milímetros de estatura, que viviam na sua cabeça. Almas que “despencavam às centenas, se não aos milhares, em minha cabeça” (*Idem*, p. 87). E nessa etapa, entre a inversão transferencial do Professor Flechsig e o surgimento dos homúnculos, em 1894, ocorre sua transferência para a clínica particular para doentes mentais do Doutor Pierson (a “cozinha do diabo” – definição dada pelas vozes),

onde permaneceu por apenas uma ou duas semanas. Lá, observou que algumas pessoas trocavam de cabeça no salão; que roupas do corpo e comida no prato se transformavam (“assado de porco em assado de vitela”); que almas mais amigas se dirigiam para os genitais, e almas mais hostis procuravam ir para a cabeça (“se postavam de um modo muito incômodo na orelha esquerda”, conforme nota 57, *Idem*, p. 119).

Finalmente, a última transferência, também em 1894, para o sanatório da província, o Sonnenstein. Ali, o Presidente Schreber retoma a ideia de emasculação a partir de vozes que o questionam (“Mas, então, ele ainda não foi emasculado?”) e que o achincalhavam (“Miss Schreber”). Ouvia constantemente, das vozes, a palavra “puta”.

Ali, Schreber ficava imóvel na cadeira, numa passividade que se configurava quase numa “obrigação religiosa”. As vozes lhe comandavam: “nem o menor movimento”. Se Deus só tratava com cadáveres, que ele fosse como um, absolutamente imóvel (“... eu não me atrevia a modificar minha posição na cama”).

Algumas cenas de brutalidade com o enfermeiro M.: excessos, tapas, bofetadas, puxão de barba – “ferido em meu sentimento de honra”. Passou também a sentir que perdeu os órgãos (estômago, pulmões etc.). Passou a tocar muito piano, ocasião especial em que “a tagarelice desvairada das vozes que falam comigo fica abafada” (*Idem*, p. 159).

Novo sintoma de se destacar, os *pássaros miraculados* surtiram importante sequência em seu delírio. “Em consequência de uma conexão milagrosa que evidentemente tem sua origem mais profunda na essência da criação divina (...), os nervos em questão (restos dos vestibulos do céu) aparecem há anos sob a forma de *pássaros miraculados*. (...) *os nervos que se encontram nesses pássaros são restos (nervos avulsos) de almas beatificadas*” (*Idem*, p. 187). Os pássaros não entendem o sentido das palavras, mas o *som* igual ou próximo, sons semelhantes (“Santiago” ou “Cartago” etc.). Na nota 93b Schreber substituiu a expressão “pássaros miraculados” por “pássaros falantes”.

Necessidade de evacuação é também provocada por milagre, cujo significado simbólico do ato de evacuar também encontra correspondência com os raios divinos. “(...) de certo modo está justificado a c... sobre o mundo inteiro” (*Idem*, p. 200).

Finalmente, os *raios*. Segundo ele, “(...) o objetivo dos raios divinos não é combater um simples ser humano e realizar um trabalho de destruição no seu corpo, e sim a *criação*. (...) o milagroso poder *criador* de Deus”. “(...) Deus *quer* que algo seja feito, e, ao enviar os raios com essa vontade, *aquilo que Ele quer simplesmente acontece*”. (...) *Faça-se a luz!*” (*Idem*, p. 209).

Aqui a cosmogonia de Schreber encontra a sua participação direta, no clímax do processo delirante. O homem como coroação de toda a criação divina em que, depois da morte, se transforma de novo em Deus. Porém, “nem Deus pode criar tudo o que quiser, quando quiser”. A criação depende do Sol e da Terra, das estações do ano etc. [borboletas só aparecem de dia; aranhas à noite.] O Sol não é apenas um poder de Deus; é o próprio Deus-criador, para Quem não há passado nem futuro; Ele está em todos os tempos, e isso é a “eternidade”. E “desde que Deus entrou em uma conexão nervosa exclusiva comigo, eu me tornei para Deus, num certo sentido, o homem, ou o único homem em torno do qual tudo gira, ao qual tudo deve se referir e que por isso, também do seu próprio ponto de vista, tem de referir a si mesmo todas as coisas” (*Idem*, p. 226).

E, posto o clímax, finaliza as *Memórias* mencionando o processo de interdição, sua “ciência” em ser “doente dos nervos” – mas não incapaz! Pede anulação do processo, pretendendo “um *grande e esplêndido desagravo*”. Quer ser “ressarcido de tudo o que sofri e perdi”. Perde a causa, recorre, ganha. Pede (e ganha) liberdade.

Segue, contudo, o quadro de dores ciáticas, câimbras, fome, dores lombares, de dente, de cabeça, urros (“tormento quase insuportável”)... “Trata-se de dores provocadas por estiramento ou retratação, que vêm do fato de que os raios ligados às terras, toda vez que a volúpia de alma atingiu um certo grau, tentam operar uma retirada” (*Idem*, p. 231).

À coda, retoma sua complexa e peculiar questão sexual: “(...) quando falo do cultivo da volúpia, que se tornou como que um dever para mim, não quero dizer *jamais um desejo sexual por outras pessoas* (mulheres) *ou um contato sexual* com elas, mas que represento a mim mesmo como homem e mulher numa só pessoa, consumando o coito comigo mesmo, realizando comigo mesmo certas ações que visam à excitação sexual, ações que de outra forma seriam consideradas indecorosas e das quais se deve excluir qualquer ideia de onanismo

ou coisas do gênero” (*Idem*, p. 240). Pretende “uma emasculação a ser ainda completada, fazendo com que por meio da fecundação divina nasça do meu ventre uma descendência” (*Idem*, p. 248).

Por tudo o que passou e sofreu, Schreber se considera no “quadro de um martírio que no seu conjunto só pode ser comparado com a crucificação de Jesus Cristo” (*Idem*, p. 248).

A partir desse ponto, o livro apresenta excertos do processo judicial, na forma de *Suplementos*.

3.

Como dito, através desse texto Freud escreve a sua interpretação psicanalítica das psicoses. Em 1910 Jung presenteia o ainda amigo (rompem amizade em 1912 a partir de divergências teóricas e talvez práticas sobre a teoria da sexualidade) e um ano depois Freud publica *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementia paranoides) descrito autobiograficamente* – “O caso Schreber”.

Nesse texto breve porém emblemático (FREUD, 2021), apresentado em três capítulos, Freud abre (*1- História clínica*) a discussão sobre distúrbios nervosos do Presidente Schreber provenientes de excessiva tensão mental. Resume o caso (Primeira vez em 1884; 6 meses na clínica do Dr. Flechsig; restabelecimento; 8 anos feliz, com esposa; em 1893 assume o cargo de *Senatspräsident*; sonhos: pensa que deve ser bom ser uma mulher no ato da cópula; insônia e retorno a Flechsig; ideias de perseguição; ilusões visuais e auditivas; ideias delirantes; comunicação direta com Deus; Asilo Sonnenstein, com Dr. Weber; insanidade alucinatória; engenhosa estrutura delirante; relatório de 1899: acreditava que tinha a missão de redimir o mundo, mas desde que se transformasse em mulher; inspiração direta de Deus; vozes; emasculação; fecundação por raios divinos, criando uma nova raça de homens; a língua de Deus: “língua básica” – um alemão vigoroso, antiquado; Deus inferior: raça escura / Deus superior: raça loura (ariana); o ato de evacuar/defecar como um milagre de Deus, “o ato final”; sentiu que era a esposa de Deus: “transforma-se” em mulher – realização daquele sonho). Freud supõe, a partir do relatório, que Schreber padece da “fantasia de Redentor” – quando o paciente acredita ser filho de Deus,

destinado a salvar o mundo de sua desgraça. (Veja-se que mais adiante surge sua identificação com Jesus.)

No segundo capítulo, temos a interpretação freudiana do caso (2- *Tentativas de interpretação*). Aqui, Freud aborda a questão dos pássaros (esse tema fica também muito evidente no ensaio de Freud sobre *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci*, mais ou menos da mesma época – 1910). Pássaros, nomes de pássaros, “Miolos de passarinhos” (moças). Em alemão (assim como em português), é o “apelido” do órgão sexual masculino (pássaro, passarinho, pinto etc.). Relações com seu primeiro médico, o Dr. Flechsig, enseja delírios de perseguição – o já mencionado “assassinato da alma”, pois a alma de Flechsig introduziu uma “divisão de almas”, entre 40 a 60 subdivisões. Freud, assim, supõe que Flechsig possa ter deixado em Schreber um sentimento de dependência afetiva. “O paciente temia um abuso sexual do médico”. Então, a causa da doença (e do desejo inconsciente de se transformar em mulher) foi uma manifestação de libido homossexual, cujo objeto [dessa libido] era o médico (“todo ser humano oscila, ao longo da vida, entre sentimentos heterossexuais e homossexuais” – mantra repetido desde as cartas a Fliess, e também nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905). A irrupção da libido homossexual se deu entre a data de sua nomeação e sua mudança para Dresden. Aqui, o paciente lembrou-se de seu irmão ou de seu pai ao se deparar com o médico, construindo a figura substituta. No teor da megalomania delirante, Flechsig é Deus, o Deus superior e médio, cuja decomposição é característica da paranoia (enquanto a histeria condensa).

A relação peculiar de Schreber com o sol (os raios do sol) revela o complexo paterno, onde o sol é o pai.

O terceiro capítulo (3- *Sobre o mecanismo da paranoia*) é técnico e inaugura nova proposta para o entendimento sobre a paranoia e as psicoses. Segundo Freud, o papel desempenhado por um desejo homossexual no desenvolvimento da paranoia é evidente. O toque narcisista também o é (entre o autoerotismo e o amor objetal), pois tem a si como objeto (*vide*, especialmente, a parte final do relato, quando aduz ser possível manter relações sexuais consigo). Por isso Freud sugere procurar a paranoia em algum lugar entre os estádios do autoerotismo, do narcisismo e da homossexualidade.

A fórmula agora desenvolvida por Freud será retomada em toda sua teoria pulsional, com especial destaque para *As pulsões e seus destinos*, de 1914. Eis o esquema:

Eu não o amo >> eu o odeio >> ele me odeia >> ele me persegue.

Ou seja, Eu o odeio porque ele me persegue (o perseguidor foi/é amado).
Projeção, fixação, regressão e irrupção (retorno do reprimido). Vislumbramos o fim do mundo como projeção da sua catástrofe interna. Depois, a tentativa de reconstrução [desse mundo acabado].

Há um pós-escrito de 1912 que trata da mitologia do sol como símbolo paterno, e dos hábitos totêmicos dos povos primitivos como explicação psicanalítica da origem das religiões (outro conflito teórico com Jung, aqui).

4.

Afinal, como e por que “o caso Schreber” vai parar em *O anti-Édipo*? Convém rememorar que Deleuze estudara Freud a fundo; e que Guattari, aluno de Lacan, trabalhava em *La Borde* – clínica psiquiátrica para cuidado de pessoas portadoras de esquizofrenia. Eis a junção perfeita entre teoria e prática na perspectiva crítica.

O Presidente Schreber está na página 1 de *O anti-Édipo*, e retorna mais de quarenta vezes no texto para articular o seu delírio que agora é lido enquanto máquina desejante. Seu pai também terá papel de destaque, esse educador ortopedista de uma pretensa Alemanha pura. Assim, os Schreber se convertem num pilar de sustentação do anti-Édipo, da crítica ao Édipo “Rei” aristocrata vienezense de fins do século XIX, machista, racista, elitista.

Reporto-me a apenas três exemplos:

Imaginamos o presidente Schreber respondendo a Freud: mas claro, sim, sim, os pássaros falantes são moças, e o Deus superior é papai, e o Deus inferior é meu irmão. Mas, de maneira discreta, reengravidas as moças com todos os pássaros falantes, o pai com o Deus superior e o irmão com o Deus inferior, formas divinas que se complicam, ou melhor, que se “dessimplificam” à medida que subvertem os termos e funções demasiado simples do triângulo edípiano.

Não creio nem no pai nem na mãe. Nada tenho com papai-mamãe. (DELEUZE-GUATTARI, 2010, p. 28)

Aqui os autores, desde a alegoria de Schreber, iniciam a derrubada do triângulo burguês edipiano papai-mamãe-filhinho – que desaguará, ao fim, no anti-Édipo.

Prossigo:

Segundo a doutrina do presidente Schreber, a atração e a repulsão produzem intensos estados de nervo que preenchem o corpo sem órgãos em graus diversos, e pelos quais passa o sujeito-Schreber, devindo mulher e devindo muitas outras coisas ainda, num círculo de eterno retorno. Os seios no tronco nu do presidente não são nem delirantes nem alucinatórios, mas designam, em primeiro lugar, uma faixa de intensidade, uma zona de intensidade sobre seu corpo sem órgãos. (*Idem*, p. 34)

Tudo o que sabemos a respeito de Schreber conduz inevitavelmente à tese sobre o *Corpo sem Órgãos*, retirada pelos autores de uma fala de Antonin Artaud. Esse trecho acima prepara o capítulo que assim será intitulado (e, aliás, a nota de rodapé 18 que segue o parágrafo, em DELEUZE-GUATTARI, é precisamente retirado de um texto de Artaud). Ou seja, ambos diagnosticados por Deleuze e Guattari, Schreber é o protótipo daquilo que Artaud tentou ser.

Adiante:

Devemos constatar que o presidente Schreber não conheceu apenas o destino de ter sido sodomizado enquanto vivo pelos raios do céu, mas também o destino de ser postumamente edipianizado por Freud. Palavra alguma é retirada do enorme conteúdo político, social e histórico do delírio de Schreber, como se a libido nada tivesse a ver com essas coisas. São invocados apenas um argumento sexual, que consiste em soldar a sexualidade ao complexo familiar, e um argumento mitológico, que consiste em impor a adequação da potência produtiva do inconsciente e das “forças edificadoras dos mitos e das religiões”. (*Idem*, p. 81)

Eis aqui a crítica contundente dos autores à psicanálise: não bastasse Schreber haver sido “sodomizado” por Deus, é agora “edipianizado” por Freud. O que eles querem dizer é que para a psicanálise falta contexto histórico, falta política, falta economia – jamais preenchida apenas pela *economia libidinal* cunhada pelo fundador vienense. A proposta pragmática dos autores, a *esquizoanálise*, depende estritamente de uma conjuntura bem maior do que a meramente sexual freudiana.

5.

É óbvio que Freud não dispunha do atual catálogo de transtornos psicóticos como se nos apresenta, por exemplo, o DSM-5 (APA) ou o CID-10 (OMS). Ele trabalha com as (de)limitadas variações da psiquiatria moderna – desde Morel, Kraepelin, Bleuler, Kretschmer, dentre outros – e cunha pela primeira vez alguns diagnósticos no campo da psicanálise. De lá para cá, em um século muitíssima coisa mudou.

Nesse sentido, os *transtornos do espectro da esquizofrenia e outros transtornos psicóticos* podem ser atualizados segundo critérios diagnósticos do DSM-5, assim: dois ou mais itens – dentre a) delírios; b) alucinações; c) discurso desorganizado; d) catatonia; e) sintomas negativos – presentes por quantidade significativa de tempo durante o período de 1 mês ou menos, sendo pelo menos um dos itens “a” ou “b” ou “c”. No critério diagnóstico, sobrevém o subtipo *paranoide*, assim descrito: “O tipo paranoide da esquizofrenia caracteriza-se pela preocupação com um ou mais delírios ou alucinações auditivas frequentes. Classicamente, esse tipo é marcado sobretudo pela presença de delírios de perseguição ou grandeza (...). Esses pacientes costumam ter seu primeiro episódio da doença em idade mais avançada do que aqueles com os tipos catatônico ou desorganizado. Pacientes nos quais a esquizofrenia ocorre no fim da segunda ou terceira décadas de vida em geral já estabeleceram uma vida social que pode ajudá-los a enfrentar a doença, e seus recursos de ego tendem a ser maiores do que os de afetados por esquizofrenia catatônica e desorganizada. Além disso, demonstram menos regressão de suas faculdades mentais, de respostas emocionais e de comportamento do que em outros tipos do transtorno. Indivíduos com esquizofrenia paranoide tendem a ser tensos, desconfiados, cautelosos, reservados e, às vezes, hostis ou agressivos, mas também ocasionalmente capazes de se comportar de forma adequada em algumas situações sociais. Sua inteligência nas áreas que não são invadidas pela psicose tende a permanecer intacta” (SADOCK, 2017, p. 307). Eis aqui o nosso paciente-escritor. (Mas Freud e Lacan já diziam isso muito antes do DSM-5.)

Segundo tal moderna classificação, o Presidente Schreber teria portado ao menos 4 daqueles 5 itens – restando dúvida quanto ao item “c”, pois é precisamente o caráter de seu discurso que *organizava* a sua estrutura psíquica. Ou seja, se o discurso era desorganizado, era o próprio discurso que dava fôlego a

qualquer organização mental: base de toda a sua argumentação jurídica rumo à procedência da causa e à devolução do cargo na magistratura alemã.

“O Presidente Schreber tem os raios do céu no cu.” Pois desejava ser copulado por Deus, via raios de sol, para com Ele formatar a nova humanidade. Comportamento típico de transtorno esquizóide (ou esquizofrenia), uma certa modalidade de psicose expressa através da paranoia cujo símbolo reside na sexualidade – que desperta o Édipo.

Complexo de Édipo: estrutura burguesa dotada de uma estética soturna em torno da histeria incompreendida na virada do século XIX para o XX? É assim, na crítica da psiquiatria e da economia política, que a esquizofrenia do Presidente Schreber atravessa Édipo e erige *O anti-Édipo*.

Se Schreber vivesse mais 50 anos, provavelmente estaria em *La Borde*, sob os cuidados do Doutor Guattari.

Referências bibliográficas

CORIAT, A. e PISANI, C. *Um caso de S. Freud: Schreber ou a paranoia*. In: NASIO, J.-D. Os grandes casos de psicose. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

FREUD, Sigmund. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementia paranoides) descrito autobiograficamente* – “O caso Schreber”. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2021.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 3: As psicoses*. Tradução de Aluisio Menezes. 2ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

SADOCK, Benjamin J., SADOCK, Virginia A. e RUIZ, Pedro [e KAPLAN]. *Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica*. Tradução de Marcelo de Abreu Almeida. 11ª ed., Porto Alegre: Artmed, 2017.

SCHREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos*. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Todavia, 2021.